

**DA ANTIGUIDADE AO MUNDO CONTEMPORÂNEO:  
UMA PEQUENA HISTÓRIA DA TRANSMISSÃO DO  
MANUAL MILITAR *SOBRE OS ASSUNTOS MILITARES*\***

*Wendryll José Bento Tavares*\*\*

**Resumo:** *Este artigo tem como objetivo realizar uma breve análise da trajetória da obra *Sobre os Assuntos Militares* desde o mundo Antigo até o tempo presente. Para tal, parte-se de uma breve apresentação do documento seguida por um diálogo com a historiografia especializada no processo de transmissão e recepção do texto. Com esse itinerário podemos entender como a análise do documento atualmente possui uma vinculação com sua própria trajetória. Em suma, o processo de transmissão dos textos antigos gera algumas limitações e muitas potencialidades para o trabalho do historiador.*

**Palavras-chave:** *Sobre os Assuntos Militares; transmissão; documento; historiografia; manual militar.*

**FROM ANTIQUITY TO CONTEMPORARY WORLD:  
A SHORT HISTORY OF THE TRANSMISSION OF THE  
MILITARY HANDBOOK *ON MILITARY MATTERS***

**Abstract:** *This article aims to carry out a brief analysis of the trajectory of the *On Military Affairs*, from the Ancient world to the present time. In order to do this, it starts with a brief presentation of the document followed by a dialogue with the specialized historiography in the process of transmission and reception of the text. With this itinerary, we can understand how the analysis of the document has a connection with its own trajectory. In short, the process of transmission of ancient texts generates some limitations and many potentialities for the work of the historian.*

**Keywords:** *On Military Affairs; transmission; document; historiography; military handbook.*

---

\* Recebido em 30/03/2023 e aprovado em 30/06/2023.

\*\*Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Professor do Instituto Federal Goiano, Campus Trindade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8827-6946>.

A obra *Do Conhecimento Histórico*, de autoria de Henri-Irénée Marrou, foi publicada há mais de sessenta anos. No entanto, certas passagens dela ainda possuem grande validade (o que mostra seu caráter de clássico historiográfico). Em uma de suas partes constitutivas, intitulada “*História faz-se com documentos*”, Marrou lembra que “não podemos alcançar o passado diretamente, mas só através dos traços, inteligíveis para nós, que deixaram atrás dele, na medida em que estes traços subsistiram, em que nós os encontramos e em que somos capazes de os interpretar” (MARROU, 1974, p. 61). O meio, portanto, de conhecer esse passado seria a via indireta dos traços deixados por ele e esses só poderiam ser encontrados nos documentos, definidos por Marrou como “toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita” (MARROU, 1974, p. 69). Apesar da cada vez maior ampliação da definição de documento, é certo que essa afirmação é fundamental para a realização de pesquisa na área de História. É curioso também que a própria trajetória dos documentos nos ensina bastante sobre o passado. Enquanto o documento em si dialoga com seu contexto de produção, diversos contextos posteriores conseguem também dialogar com esse mesmo documento. Para mostrar um pouco desse movimento, propomos um pequeno exercício, a partir da análise da história do *Sobre os Assuntos Militares*, antecedida por uma breve apresentação do referido autor.

O documento pode ser colocado dentro da tradição de manuais militares e atualmente é constituído de um prefácio e vinte e um capítulos. No entanto, é preciso sublinhar que, muito provavelmente, essa divisão em capítulos e os próprios títulos dos capítulos “não são originais do Anônimo, o qual, ao dirigir seu escrito diretamente ao imperador, não havia tido intenção de dividi-lo em capítulos” (SÁNCHEZ-OSTIZ, 2004, p. 20). Assim sendo, é possível que não tenhamos a configuração do texto na forma como ele foi escrito, mas como o texto legado pela tradição desde o *Codex Spirensis* contém essa divisão, analisamos o texto com essas divisões. Ou seja, estamos diante de uma modificação da própria organização do texto ocorrida entre sua produção e os dias atuais, que influencia na maneira como analisamos o documento.

O texto começa com um prefácio em que é possível encontrar uma dedicatória aos imperadores, uma argumentação em favor da benevolência imperial, uma justificativa das propostas e uma breve apresentação das

propostas. Findado o prefácio, o autor começa a apresentação de suas propostas divididas em dois grandes grupos: 1) as reformas fiscais ou políticas; 2) e a proposição de melhorias no campo militar. Entre os capítulos um e quatro e no capítulo vinte e um, estão o primeiro grupo das propostas do autor. O Anônimo expõe neles suas ideias em questões como: diminuição de gastos públicos, causa dos problemas financeiros e soluções, os vícios dos governadores de província e a possibilidade da troca deles e a ideia de que o imperador seja um árbitro para questões confusas. Entre os capítulos cinco e vinte, contudo, estão contidas as propostas que versam sobre questões eminentemente militares: diminuição de custos de pagamento de soldados, descrição de uma série de máquinas bélicas, organização do exército e proposição de construções de fortificações fronteiriças. É interessante que o manual apresenta uma boa articulação entre essas partes, já que os capítulos cinco e vinte são mistos de assuntos fiscais e militares e, portanto, são capítulos de transição temática que fazem muito bem à integração dos dois grupos de temas.

Um outro aspecto que chama muito a atenção do pesquisador que tem acesso ao *Sobre os Assuntos Militares* é a presença de ilustrações no documento e a possibilidade de análise dessas imagens. No total, o manual militar possui doze imagens, duas com ilustrações de moedas e as outras dez com representações visuais das máquinas militares descritas entre os capítulos sete e dezoito. É interessante notar que em algumas imagens estão presentes mais de uma das *machinae* descritas pelo autor. O questionamento da fidedignidade das imagens ao texto original é algo muito recorrente e importante para que se avalie se uma análise delas pode ser feita. O grande problema é que todas as versões que temos da fonte nos chegaram a partir de um único exemplar medieval, o *Codex Spirensis*, como veremos adiante. Todos os outros manuscritos que possuímos, CMPV, são possivelmente cópias dele. Além disso, é preciso excluir a cópia V dessa questão, já que ela não possui ilustrações.

Portanto, inicialmente não é possível fornecer um norte sobre a possibilidade de analisar essas imagens como produções do século IV d.C., já que “uma resposta mais fácil existiria se pudéssemos confrontar as ilustrações dos dois códices independentes; mas a tradição manuscrita de nosso tratado, proveniente toda do modelo de Espira<sup>1</sup>, não permite um confronto similar” (GIARDINA, 1989, p. LV). Há inclusive passagens da história do documento que atestam a presença de modificações nas imagens, como a relatada

por Thompson. Segundo ele, Otto Heinrich temeu que sua cópia do *Codex Spirensis* tivesse as ilustrações “modernizadas” (THOMPSON, 1952, p. 15). Essas modificações das imagens são confirmadas e vistas principalmente nas figuras humanas, já que a “atualização das figuras humanas segundo costumes alto medievais é evidente em toda parte (com características similares em C, P e M)” (GIARDINA, 1989, p. LV). Apesar dessas mudanças, é possível perceber também que quando se trata das máquinas existe uma maior fidedignidade. Isso é o que defende Giardina, já que na leitura dele, se existem atualizações das ilustrações, a que representa o *thoracomachus*, por exemplo, não as possui, já que a vestimenta é parte essencial. A partir dessa constatação, ele afirma que “a mesma fidelidade ao modelo original (ou melhor, aquele que se acredita ter sido o modelo original) é verificável na representação das [outras] máquinas, que não parecem ter sido submetidas a modificações ou atualizações no momento da redação do *Spirensis*” (GIARDINA, 1989, p. LV). Para Thompson, nem mesmo as outras imagens são passíveis de contestação. Nesse ponto, o historiador inglês é taxativo, já que, a partir dos estudos de Reinach, ele defende que “as figuras em CMP – será lembrado que não existem em V – reproduzem com acurácia substancial os desenhos originais do Anônimo” (THOMPSON, 1952, p. 17).

De nossa parte, analisando essas duas possíveis interpretações, inclinamos-nos a adotar, em geral, uma posição de ceticismo ante a aceitação da fidedignidade das imagens ao texto original. Adotamos essa posição porque elos na cadeia de transmissão do documento foram perdidos e indícios de alteração foram atestados em algumas cópias, como a recebida por Heinrich. Se no texto já é possível encontrar atualizações ou mesmo erros de copistas, quando se trata de imagens a questão fica ainda mais complexa. Essa foi outra importante lição que aprendemos ao estudar a história do documento, já que assumir uma posição de profunda confiança nas imagens acarretaria um risco enorme, no sentido de levar a conclusões precipitadas.

Apresentado brevemente o conteúdo da obra, é interessante entender o trajeto dele desde sua escrita até os dias atuais para conhecermos como o texto e as imagens que manuseamos. No entanto, é preciso frisar de antemão que iniciamos nossa análise a partir do final do Idade Média, ou seja, o meio do caminho. Foi identificada uma documentação nesse período que comprova a presença da obra em bibliotecas e edições no continente europeu (e depois no mundo todo). A partir dessa primeira etapa fazemos um trajeto em direção ao mundo antigo e depois ao mundo contemporâneo.

Para começarmos esse trajeto é preciso elencar um manuscrito central para a história do documento: o *Codex Spirensis*. Esse manuscrito, conhecido também como  $\Sigma$ , foi o responsável pela preservação do *Sobre os Assuntos Militares* durante todo o final da Idade Média e recebeu esse nome, segundo E. A. Thompson na introdução de sua tradução do documento, “porque foi descoberto na Biblioteca da Catedral de Espira<sup>22</sup>” (THOMPSON, 1952, p. 6). Além do documento objeto de estudo de nossa parte, é preciso lembrar que tal códice era composto por mais documentos. Aqui já é possível identificar uma controvérsia entre comentadores da obra, já que enquanto Thompson arrola um total de treze documentos constituintes do códice, Ireland totaliza doze. Ao analisar as cópias do manuscrito, Ireland, na introdução de sua tradução do documento, acaba por excluir o *Septem montes urbis Romae* (IRELAND, 1979, p. 53). Como nosso propósito é o de fazer uma avaliação dos documentos que constituíram o *Codex Spirensis*, apresentamos a lista de Thompson, que nos parece a mais crível e que possui um maior respaldo da historiografia (D’ORS, 1963, p. 43):

*(I) Aethici cosmographia; (II) Itinerarium Antonini; (III) Septem montes urbis Romae; (IV) Dicuil: De Mensura orbis terrae; (V) Notitia Galliarum; (VI) Laterculus Polemii Siluae; (VII) De montibus portis et uis urbis Romae; (VIII) De rebus bellicis; (IX) Altercatio Hadriani et Epicteti; (X) Descriptio urbis Romae; (XI) Descriptio urbis Constantinopolis; (XII) De gradibus cognationum; e (XIII) Notitia Dignitatum* (THOMPSON, 1952, p. 7).

O interessante é que é possível estabelecer uma separação em dois grandes grupos das obras contidas na lista. Como Ireland já apresentou:

*primeiro, um grupo de tratados topográficos sem ilustrações variando amplamente em datação; e segundo, começando com o De rebus bellicis [Sobre os Assuntos Militares], um grupo de seis itens com conotações oficiais, todos ilustrados, e ilustrados em um estilo consonante com aquele do final do século IV ou início do século V [d.C.],* (IRELAND, 1979, p. 53).

Essa separação temática e formal entre dois grandes grupos aponta para uma maior flexibilidade cronológica das obras do primeiro grupo, enquanto as obras reunidas no segundo teriam sua produção condensada em um

período mais curto. Esse segundo ajuntamento, provavelmente escrito em um recorte cronológico bem estabelecido, teria sido produzido, segundo o argumento apontado por Ireland e reiterado por Thompson, entre o final do século IV e início do século V d.C. Esse segundo autor desenvolve a hipótese de Panciroli, que defendeu a ideia de que a existência de alguns desses documentos do segundo grupo pode indicar que esse *corpus* pertenceu ao arquivo de um oficial romano. Ou seja, para Thompson, “o texto do *Sobre os Assuntos Militares* preservado no *Codex Spirensis* é descendente direto do próprio exemplar que o autor enviou para o imperador e o qual, de acordo com nossa conjectura, foi interceptado e arquivado por um servidor civil” (THOMPSON, 1952, p. 14). Existem discordâncias sobre essa hipótese, como a apresentada por Seeck ainda no século XIX, já que, para o autor germânico, essa coleção foi reunida pelo escriba do modelo copiado para o *Codex Spirensis*, em algum momento até o século XI d.C. (SEECK, 1875, p. 229). Além dessas hipóteses, apontamos também a de D’Ors, segundo a qual, “a reunião de vários livretos do século IV e V e outros anteriores em um único *corpus* procede sem dúvida de um editor antigo, em data imprecisa, mas que parece ter vivido em Constantinopla e teve acesso aos arquivos imperiais” (D’ORS, 1963, p. 43). Tanto a possibilidade de que o *Sobre os Assuntos Militares* tenha sido juntado a outras obras do segundo grupo do *Codex Spirensis* já no período da Antiguidade quanto a possibilidade de que ele tenha sido reunido aos outros na Alta Idade Média não podem ser descartadas ou confirmadas. Por conta dessa impossibilidade, não tomamos uma posição definitiva.

No meio desse grande número de incertezas, o que parece contar com certo respaldo é que, de fato, o *Codex Spirensis* foi produzido entre “o final do século IX e início do século X d.C.” (THOMPSON, 1952, p. 13). Além disso, não é possível saber de mais elementos da história do documento até o final da Idade Média. Ireland aventava, por exemplo, que o *Codex Spirensis* pode não ter sido um documento copiado por mãos insulares (IRELAND, 1979, p. 54). Já d’Ors aponta que esse manuscrito teve como “modelo outro escrito no tempo de Carlos Magno” (D’ORS, 1963, p. 43). Richard Neher, em uma publicação do documento no início do século XX, nota que alguns escritores medievais podem ter tomado o *Sobre os Assuntos Militares* ou seus desenhos como referência, como Konrad Kyser e Baco Rogerius (NEHER, 1911, p. 1).

É no século XV d.C., no entanto, que começam a abundar as informações sobre a transmissão do *Sobre os Assuntos Militares*, principalmente por

intermédio do *Codex Spirensis*. A primeira notícia sobre a conservação do códice e de seu conteúdo integral foi dada durante a realização do Concílio da Basileia (1431-1439 d.C.), “quando da sua existência foi informado o bispo de Padova, Pietro Donato, que obteve uma cópia dele” (GIARDINA, 1989, p. XXII). Essa cópia, recebida pelo bispo em 1436 d.C., passou às mãos de A. Maffei em Roma no final do século XV e dali passou para a coleção de manuscritos reunidos pelo jesuíta veneziano Matheo Luigi Canonici (1727-1805). Depois da morte desse religioso, a coleção foi comprada pela *Bodleian Library* em Oxford (1817), onde essa cópia ainda está preservada (THOMPSON, 1959, p. 07). O manuscrito, batizado de *Codex Oxoniensis Canonicianus lat. Misc. 378*, conhecido também pela sigla C, é a mais antiga cópia do *Codex Spirensis* que sobreviveu até os dias atuais.

Uma (possível) segunda cópia do *Codex Spirensis* veio a ser conhecida na década de 1440. A primeira notícia dela veio à luz em 1443, quando Pier Candido Decembrio recebeu uma carta do Duque de Gloucester, Humberto de Lencastre, em que o último pedia que o primeiro enviasse para ele o “*librum illum de totius imperii Romani dignitatibus et insignibus*, isto é, a *Notitia Dignitatum*” (THOMPSON, 1959, p. 7). Não se sabe se Decembrio chegou a enviar o documento ao duque, mas a próxima notícia do documento registra que ele foi encontrado na *Bibliothèque Nationale* da França. A grande questão em relação a essa cópia, o *Codex Parisinus Latinus 9661*, conhecida pela sigla P, é que ela pode não ser uma cópia direta. Apesar das pequenas divergências do texto em relação ao texto do *Codex Spirensis*, P transmite um “texto que concorda com o de  $\Sigma$  quando reconstruído do testemunho unido de C, M e V” (IRELAND, 1979, p. 42). Isso é comprovado, por exemplo, nas corrupções do texto de P presentes também nas outras cópias de  $\Sigma$ . Nesse sentido, ou essa cópia foi feita diretamente copiada do *Codex Spirensis* ou de uma outra cópia que não C, o que significaria que existiu uma intermediária perdida, o que não a desqualifica.

A terceira cópia de  $\Sigma$  que conhecemos foi produzida ainda no século XV d.C. Essa cópia foi concluída em 1484 d.C. e foi arquivada na Biblioteca da Catedral de Espira. Sabemos que em 1529 d.C., foi copiada “para o Cardeal Cles (Clésio), Arcebispo de Trento, que visitou a cidade naquele ano” (THOMPSON, 1959, p. 8). Depois dessa passagem, o que sabemos dessa cópia é que ela foi arquivada na Biblioteca Arcebispal de Salzburgo e no início do século XIX foi transportada para Viena. O *Codex Vindobonensis 3103*, conhecido pela sigla V, ficou em Viena até o final

da Primeira Guerra Mundial, quando, “como parte do tratado de paz da Europa em 1919, esse manuscrito foi transferido da Áustria para a Itália e V está atualmente em Trento” (THOMPSON, 1959, p. 8). A cópia V é considerada a “menos valiosa” por não conter as ilustrações (apesar de possuir espaços destinados a elas no texto) e nem as letras maiúsculas coloridas nos inícios de parágrafos iniciais dos capítulos.

Das quatro cópias possivelmente diretas do *Codex Spirensis*, a história da quarta é a mais interessante para o destino do próprio  $\Sigma$ . A cópia é datada de 1542 e “foi feita diretamente de  $\Sigma$  em Espira” (IRELAND, 1979, p. 40). Contudo, no ano de 1548 d.C., o príncipe Otto Heinrich, que possuía uma coleção de manuscritos de vários tipos, enviou um pedido à Biblioteca da Catedral de Espira com vistas a conseguir o códice com desenhos de máquinas militares para, aparentemente, fazer uma cópia. O pedido foi apresentado aos responsáveis da catedral e negado, segundo Thompson, “devido à condição ruim do manuscrito” (THOMPSON, 1959, p. 9). Heinrich, contudo, não desistiu de seu intento e, dois anos depois, conseguiu que ao menos a cópia produzida em 1542 d.C. lhe fosse enviada. Em 1552 d.C., durante um período de turbulência em Espira, Heinrich se apoderou não só do *Codex Spirensis*, como também de outros livros da catedral. A prova das ações do príncipe é atestada no fato de que existe a presença “do *Codex Spirensis* no inventário de sua biblioteca, ao mesmo tempo que a cópia anteriormente recebida” (D’ORS, 1963, p. 42). É importante ressaltar que tais ações do nobre príncipe teriam reflexos tenebrosos para a transmissão do códice medieval e mostra como a ação de indivíduos pode interferir profundamente nos destinos dos documentos que hoje manuseamos.

Sabemos também que alguns anos depois, quando Heinrich morreu, os dois documentos foram parar nas mãos do herdeiro dele, um príncipe de nome Wolfgang, que vivia em Neuburgo. A prova dessa transferência é uma lista produzida em 1566 e que “inclui descrições do *Spirensis* e sua cópia” (THOMPSON, 1959, p. 9). A partir dessa data, a cópia e  $\Sigma$  tomaram destinos diferentes. A primeira foi levada em 1660 pelo príncipe “Phillip Wilhelm para Düsseldorf, e fez seu caminho para Mannheim em alguma data antes de 1800, e finalmente, nos primeiros anos do século XIX, foi colocada na *Munich Staatsbibliothek*, onde ainda está” (THOMPSON, 1959, p. 9-10). Essa cópia, o *Codex Monacensis Latinus 10291*, é conhecida pela sigla M (IRELAND, 1979, p. 39).

Se conhecemos bem o processo de transmissão de M, isso muda de figura quando estudamos o *Codex Spirensis*. Como bem coloca Thompson, “o destino do *Spirensis* em si é muito obscuro” (THOMPSON, 1959, p. 10). Assim como vários outros manuscritos que o famigerado Otto Heinrich possuiu, o  $\Sigma$  desapareceu durante o período em que ficou arquivado em Neuburgo, entre 1566 e 1660 d.C. Como lembra d’Ors, “do *Codex Spirensis* mesmo não sabemos o que ocorreu. Uma folha do mesmo, em princípios do nosso século, foi identificada em Wallerstein, mas se pode presumir que o códice escrito se perdeu para sempre” (D’ORS, 1963, p. 42). Thompson (1952, p. 10) completa essa informação ao dizer que a página foi usada “na encadernação de um livro de registros”. Apesar da perda do manuscrito mais antigo, é a partir dessa linhagem de manuscritos que temos a preservação não só do *Sobre os Assuntos Militares*, mas de uma dezena de textos antigos. É preciso lembrar que, para além do grupo CMPV, temos aproximadamente mais uma dúzia de manuscritos que contêm o texto do documento, mas que estão sob as seguintes condições: 1) são cópias de um dos quatro; 2) foram feitos de maneira descuidada; ou 3) estão em estado totalmente incompleto (THOMPSON, 1952, p. 10).

Além da trajetória dos manuscritos em que o *Sobre os Assuntos Militares* foi conservado até o mundo contemporâneo, é importante conhecer as diversas edições impressas do documento, importantíssimas para uma maior divulgação e estudo da obra. A primeira, referência fundamental para as edições publicadas até o século XIX, foi a de Sigismundo Gelênio publicada em 1552 d.C. O grande problema dessa edição de Gelênio é que não sabemos qual manuscrito ele utilizou como referência. Neher, por exemplo, partiu da informação que o próprio Gelênio forneceu, ou seja, a de que seu manuscrito foi redescoberto *ex ultimis Britannis*, o que impedia que fosse o  $\Sigma$ . Ele sugeriu que Gelênio usou uma cópia de C (NEHER, 1911, p. 17-19), levantando como argumento uma nota colocada por Donato no final do texto da *Notitia Dignitatum* (e que se referia a *Aethici Cosmographia*). Thompson aponta as dificuldades para essa conclusão e propõe que Gelênio usou “ou um manuscrito que se perdeu ou um manuscrito ainda existente, mas que ainda não foi identificado” (THOMPSON, 1952, p. 13).

À publicação de Gelênio no século XVI, a *editio princeps*, seguiram-se as edições de Panciroli, em 1593 e 1602, Schrijver, em 1606-1607, e Labbe, em 1651, todas utilizando o texto de Gelênio como referência (IRELAND, 1979, p. 76-77). Depois disso, novas edições e traduções só

foram publicadas no século XX. Seguiram-se as edições de R. Neher em 1911, S. Reinach em 1922, E. A. Thompson em 1952, R. Ireland em 1979 e A. Giardina em 1989. É importante ressaltar que dentro dessa tradição, a edição de Thompson é considerada “a primeira edição aceitavelmente crítica do texto” (IRELAND, 1979, p. 78). No século XXI, seguiu-se um ritmo de maior interesse e a publicação da obra continuou. Na primeira década do século XXI, duas traduções foram publicadas: a de H. Jouffroy, em 2004, e a de A. Sánchez-Ostiz, também publicada em 2004.

Esse grande hiato de publicações de edições novas (o que não quer dizer que a obra deixou de ser reimpressa) se explica, em parte, pelas oscilações de interesse no próprio documento. Thompson classifica em três as fases do estudo moderno do *Sobre os Assuntos Militares*: 1) o período do Renascimento, quando os estudiosos tinham interesse na obra pelo seu valor prático; 2) o período entre os séculos XVII e XVIII, em que o texto submergiu em uma profunda obscuridade; e 3) entre meados do século XIX e início do século XX, quando as máquinas desenhadas e descritas no documento voltaram a ganhar mais atenção (THOMPSON, 1959, p. 18-20). É preciso lembrar que o interesse retomado no século XIX não se deveu à busca de valor prático, nem pitoresco, mas sim por conta das ideias do autor. Essa retomada se deve muito a dois acadêmicos: Salomón Reinach e Piganiol, já que “se deve a Salomón Reinach ter advertido para o valor histórico desse documento e a Piganiol, recentemente, o ter colocado, com seu elogio, em um primeiro plano para aqueles que se interessam no estudo do século IV [d.C.]” (D’ORS, 1963, p. 44). O documento passou, enfim, no século XX, a ser visto como uma fonte importante para se estudar o contexto do século IV d.C., e é nessa perspectiva que o interpretamos.

Em síntese, trata-se de um documento que, para ser analisado, exige que se conheça parte de seu processo de transmissão. Isso porque, possivelmente, teve sua própria organização formal e a atualização das imagens que ilustram as diversas passagens do texto muito relacionadas com a recepção do texto em contextos posteriores à sua escrita. Mas, para além desse cuidado metodológico, essas características nos ajudam a perceber como os documentos históricos não são textos estáticos. Um ponto que ajuda a corroborar essa leitura é que o *Sobre os Assuntos Militares* passou por fases, como aquelas elencadas por Thompson para tratar do período após a Idade Média. Por último, um ponto interessante a ser também lembrado é que o imponderável afeta de forma profunda o processo de transmissão

dos documentos antigos que hoje temos acesso, como o caso envolvendo o *Codex Spirensis* mostra.

### **Documentação escrita**

ANÔNIMO. *De Rebus Bellicis*. Trad. Richard Neher. Tubinga: J. J. Heckenhauer, 1911.

\_\_\_\_\_. *De Rebus Bellicis*. Trad. E. A. Thompson. Oxford: Clarendon Press, 1952.

\_\_\_\_\_. *On Military Matters*. Trad. Robert Ireland. Oxford: B A R International Series, 1979.

\_\_\_\_\_. *De Rebus Bellicis*. Ed. Robert Ireland. Teubner: Leipzig, 1984.

\_\_\_\_\_. *Le Cose della Guerra*. Trad. Andrea Giardina. Milão: Arnaldo Mondadori, 1989.

\_\_\_\_\_. *Sobre Asuntos Militares*. Trad. Álvaro Sánchez-Ostiz. Pamplona: Ediciones Universidade de Navarra, 2004.

*NOTITIA DIGNITATUM*. Ed. Otto Seeck. Berlim: Weidmannos, 1876.

### **Referências bibliográficas**

D'ORS, Álvaro. Un arbitrista del siglo IV y la decadencia del imperio romano. *Cuadernos de la Fundación Pastor*, Madri, v. 07, 1963, p. 41-69.

MARROU, Henri-Irénéé. *Do Conhecimento Histórico*. Lisboa: Editora Pedagógica Universitária, 1974.

TAVARES, Wendryll José. *A questão da innouatio nos manuais militares romanos tarde-antigos: relendo o Compêndio da Arte Militar de Vegécio e a obra Sobres os Assuntos Militares (séc. IV d.C.)*. 2021. 376 f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

### **Notas**

---

<sup>1</sup> Espira é atualmente uma cidade localizada na região da Renânia-Palatino (Alemanha).